

GRUPO
DE
TEATRO
LIBERDADE



IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

APRESENTA:

"MALDITA MACONHA" EM 2 ATOS

AUTOR: GECY VIANA

DIREÇÃO GERAL

ENIO STABEL

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

1.969

S. B. A. T.

Peça liberada exclusivamente para o Grupo Teatro Liberdade e para fins de Censura. Sua apresentação em teatro, rádio, televisão, e outros meios de comunicação, depende do pagamento prévio dos direitos autorais.

R. Alameda, 28 de Janeiro de 1969
Catharina Casty



S. B. A. T.
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AÇÕES TEATRAIS
Rua do Ouvidor, 111 - 11º andar - Rio de Janeiro - RJ

llc.

MALDITA MAGONHA

I 2 ATO

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

(Casa de Osvaldo no interior de S. Paulo, ao abrir o pano entra Zézinho correndo e esconde-se atrás de um móvel e grita)

- ZÉZINHO Pode vir
- (Osvaldo entra e procura Zézinho e abaixa-se junto a mesa)(Lúcia aparece e surprende-se com Osvaldo)
- LÚCIA Osvaldo, que posição é esta?
- OSVALDO É que eu estava brincando de pegador com o Zézinho, mas ele escondeu-se tão bem desta vez que não consigo encontra-lo.
- (Zézinho espia por cima do móvel, Lúcia faz sinal à Osvaldo onde Zézinho está escondido)
- OSVALDO Encontrei-te afinal, podes sair daí.
- ZÉZINHO Assim não vale.
- OSVALDO Mas porquê não vale?
- ZÉZINHO Porquê a mamãe lhe disse onde eu estava escondido.
- LÚCIA Mas eu também não sabia.
- OSVALDO Bem...bem, não tem importância, quem é que se esconde agora?
- ZÉZINHO É o senhor, vou lhe dar mais uma oportunidade.
- LÚCIA Não, nada disso. Lembre-se Osvaldo que está na hora de voçe ir trabalhar.
- OSVALDO É verdade Zézinho, acabou-se por enquanto a brincadeira, é quase uma hora e eu tenho de ir para o banco.
- ZÉZINHO Papai, o senhor não é gerente do banco?
- OSVALDO Sou, porque?
- ZÉZINHO Então o senhor pode chegar a hora que quizer.
- OSVALDO Não Zézinho, é meu dever chegar a uma hora.
- (Campainha faz Lúcia atender a porta)
- ZÉZINHO Papai, só uma veizinha só.
- OSVALDO Está bem, só uma veizinha mais. Pode esconder-se e me chame.
- (Zézinho corre para o interior da casa e grita)
- ZÉZINHO Pode vir.
- (Osvaldo sai à procura de Zézinho)
- LÚCIA Entra Paulo que vou chamar meu marido... Osvaldo, Osvaldo, visita para voçê.
- (Lúcia sai entrando em seguida Osvaldo)
- OSVALDO É voçê Paulo, o que quér? Pode falar.
- PAULO Senhor Osvaldo, eu... eu...

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS



29fl.

OSVALDO

O que é Paulo? Fale, pode falar.

PAULO

Senhor Osvaldo, o senhor se lembra daquele dinheiro da festa que desapareceu da caixa?

OSVALDO

Sim, lembro-me, e o que é que tem aquele dinheiro?

PAULO

Pois quem tirou aquele dinheiro da caixa fui eu, mas olhe, Sr, Osvaldo não gastei nem um tostão, pode ver.

OSVALDO

Porquê fez isso Paulinho?

PAULO

Sr, Osvaldo, queria eu ter um relógio...um relógio amarelinho.. assim como o seu.

OSVALDO

Olhe Paulinho, é mais nobre pedir do que tirar. Eu vou fazer com você um acordo. Aceita?

PAULO

Qual é Senhor Osvaldo?

OSVALDO

Vou te dar de presente este relógio com uma condição: a de você nunca mais lançar mão do que não lhe pertence. Promete?

PAULO

Prometo, mas não devo aceitar o seu relógio.

OSVALDO

Aceite, tome, guarde bem porque me custou 10 anos de trabalho, foi presente do senhor Rocha, meu patrão. Agora vá Paulinho, e lembre-se do nosso combinado.

PAULO

Obrigado Senhor Osvaldo, és o melhor homem desta cidade.

(Lúcia entra e fica sorridente)

com as últimas palavras de Paulo)

LÚCIA

O que foi Osvaldo?

PAULO

D. Lúcia, o Sr. Osvaldo é o melhor homem desta cidade, é o melhor homem do mundo.

(Paulo sai com o relógio e contente)

LÚCIA

O que foi Osvaldo?

OSVALDO

Nada Lúcia, o Paulinho veio contar-me uma coisa sem importância.

ZÉZINHO

Muito bem senhor meu Pai... eu escondido a mais de meia hora e o senhor aqui conversando com a amamãe.

OSVALDO

Desculpe-me Zézinho, mas eu estava ocupado.

(A campainha toca e Zézinho vai atender)

ZÉZINHO

É o senhor Rocha Papai,

OSVALDO

Senhor Rocha, entre a casa é sua...queira ter a bondade de sentar-se

(Sr. Rocha comprimenta Lúcia e senta-se com Osvaldo num sofá.)

ROCHA

Senhor Osvaldo o senhor foi escolhido pela direção do nosso banco para levar à nossa matriz em S. Paulo, NCR\$10.000,00, que nos foram pedidos.

OSVALDO

Mas senhor Rocha, eu nem sequer conheço S. Paulo... não posso escolher outro para esta missão?

ROCHA

Nenhum outro tem a nossa confiança a ponto de confiar NCR\$10.000,00

OSVALDO

Bem -se é assim eu aceito, quando devo partir?

ROCHA

Amanhã pela manhã, por hoje está dispensado do trabalho. Virei buscá-lo em sua casa e leva-lo a rodoviária. Agora se não dão licença vou até o banco, até amanhã.

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

(Sr. Rocha retira-se e Osvaldo fica pensativo, Lúcia interrompe)

LÚCIA Osvaldo, você não deveria ter aceito esta missão, ..NCR\$10.000,00
 OSVALDO Lúcia, ele é meu patrão, eu não poderia negar.
 OLGUINHA (entrando)-bom dia papai, bom dia mamãe. Estou cansada, estudei tanto
 LÚCIA Está vendo Zézinho, agora você pode brincar com sua irmã, sem enco-
 modar seu pai.
 ZÉZINHO Ora, mamãe, eu brincar com mulher nunca e depois ela sempre me
 chama de chorão.
 OLGUINHA E você não passa de um chorão.
 OSVALDO (Zézinho briga com a irmã, Zézinho chora)
 Parem com isso, o que é isso Zézinho, um homem não chora. Um homem
 nunca deve chorar.
 (apagam-se as luzes, ao acender-se nova-
 mente, Osvaldo está de saída colocando -
 o paletó acompanhado da esposa, filhos-
 e do senhor Rocha, que tem uma pasta na -
 mão.)
 ROCHA Senhor Osvaldo, aqui estão os NCR\$10.000,00, que devem ser entregue
 em S. Paulo em nossa matriz.
 OSVALDO Vamos Sr. Rocha.. Lucia querida até breve. Olguinha Adeus.. Zézinho
 Adeus.
 (Osvaldo não contém as lágrimas)
 ZÉZINHO Que é isto papai? Um homem não chora, um homem nunca deve chorar...
 OSVALDO Eu não estou chorando Zézinho, não estou chorando ...
 Adeus meus filhos... Lúcia querida rezem por mim e que Deus os
 protejam.

IIa CENA

(Hotel em S. Paulo em cena Iracema em
 seguida Nestor e Décio.)

IRACEMA Então Décio e o granfo?
 DÉCIO Ora Iracema, o tipo do bobão veste-se muito bem e usa um cavanhão
 que gozado à bessa, e traz consigo uma pasta que supponho estar
 cheia de grana.
 IRACEMA Quanto você supõe estar com ele ?
 DÉCIO Uns dois milhões mais ou menos.
 IRACEMA Está certo, então vocês vão embora e se aparecer algum maforado
 dêem um apito que eu me piro.
 DÉCIO O.K. minha santa.
 NESTOR Tcháu Iracema.
 IRACEMA E os cigarros ?
 DÉCIO Estão aqui comigo, cuidado com a policia, senão estamos na cadeia.
 IRACEMA Não se preocupem, deixem tudo por minha conta. Até logo.

IMPRÓPRIO
 ATÉ 18 ANOS



IVa FL.

(Oswaldo entra no Hotel e toca a
campanhia do balcão e a empregada
vem atender)

EMPREGADA As ordens senhor ?

OSVALDO Desejo um quarto por favor.

EMPREGADA Um minutinho só por favor, enquanto preparo seu quarto.

OSVALDO Obrigado, muito obrigado.

(empregada retira-se e Iracema -
que está em uma mesa aproxima-se)

IRACEMA Boa Noite.

OSVALDO Boa Noite.

IRACEMA Via hospedar-se aqui ?

OSVALDO Vou, e a senhora mora aqui ?

IRACEMA Resido provisoriamente neste hotel. O Sr. fuma ?

OSVALDO Não muito obrigado... é de luxo este hotel ?

IRACEMA Ora, há outros mais granfos.

OSVALDO Como, granfos ?

IRACEMA Quero dizer, outros mais chiques.

OSVALDO Ah.. sim, sim..

IRACEMA Mas o senhor não aceita um cigarro ?

OSVALDO Muito obrigado, não fumo mesmo.

(empregada entra e interrompe a
conversa)

EMPREGADA Está pronto o seu quarto cavalheiro.

OSVALDO Pois não, até já dona...

IRACEMA Iracema, para servi-lo, volte para conversarmos Sr. ...

OSVALDO Osvaldo... Osvaldo de Andrade..até já.

(Osvaldo sai com a empregada e
Iracema fica num sorriso só)

IRACEMA Este vai cair como um patinho.

(Neste meio tempo Décio entra
com Néstor olhando para todos
os lados)

DÉCIO Então Iracema, o o dinheiro ?

IRACEMA Espere que logo estarei com êle nas mãos.

NESTOR E depois o cigarro se encarrega do resto.

(Osvaldo entra meio confuso e
a pasta na mão)

OSVALDO Desculpen.

IRACEMA Sr. Osvaldo, permita-me apresentar-lhe dois parentes meus, meu irmão
Nestor.

NESTOR Muito prazer Sr. Osvaldo.

IRACEMA Meu irmão Décio.

DÉCIO Encantado, Sr. Osvaldo..encantado.



IMPRÓPRIO
ATÉ 13 ANOS

Via FL.

- IRACEMA Beba, Sr. Osvaldo.
OSVALDO Chega. Muito obrigado.
IRACEMA Então fume.
OSVALDO A Sra. me oferece tantas coisas que vou aceitar uma só para lhe ser agradável.
IRACEMA Então siva-se
(Iracema entrega a carteira e Osvaldo tira um cigarro)
OSVALDO Que cigarros interessantes, fininhos.
IRACEMA São cigarros estrangeiros que recebemos particularmente...fume..
OSVALDO Que gosto ruim.
(Dá uma tragada e tosse levantando-se da mesa meio desequilibrado)
IRACEMA Isso é só o começo depois êle fica bom e nos dá uma sensação de que a gente está voando...voando..fume mais, puche uma longa baforada.
(Iracema dança e cá e Osvaldo tenta dançar e cá junto à ôla, surge riza das e carícias.)
OSVALDO Granfo, mulher e dois filhos, mas eu não tenho não é Iracema ?
IRACEMA Não, agora você só tem a mim, a sua Iracema.
OSVALDO Agora eu vou para S. Paulo.
IRACEMA Em S. Paulo, você já está, agora você vai para os meus braços.
OSVALDO Nêste eu também já estou.
(Abraçam-se e ruzam)
IRACEMA Vamos para o seu quarto.
OSVALDO Vamos meu amor.
(Iracema chama a empregada batendo palmas)
EMPREGADA Pronto...
IRACEMA Leve duas ou três cervejas para o quarto do Sr. Osvaldo.
EMPREGADA Pois não.
IRACEMA Então vamos.
OSVALDO Vamos querida, granfo, mulher e dois filhos.
(Retira-se em direção ao quarto, lá fica Osvaldo sentado, Décio entra no bar com Nestor e mais tarde aparece Iracema)
DÉCIO Será que Iracema já conseguiu o dinheiro? Eu acho que a demora é demais, se continuar assim vamos parar todos na cadeia.
NESTOR Calma Décio, vamos esperar Iracema para sabermos a solução.
IRACEMA Já estão aqui ?
DÉCIO Já e o dinheiro ?
IRACEMA Dentro de mais uns minutos estarei de posse deles.
DÉCIO Ainda não conseguiu ?
IRACEMA Calma o negócio também não é assim.



DÉCIO Estaremos com o carro em movimento ali na esquina.

OSVALDO IRACEMA... Iracema ... Iracema...

IRACEMA Acordou, pirem logo, pirem...

DÉCIO E não esqueça esta na carteira.

(Oswaldo entra com os cabelos desalinha-
dos, sem paletó e com uma garrafa na mão)

OSVALDO Iracema, porque me abandonou ?

IRACEMA Eu não lhe abandonei, estou aqui.

OSVALDO Então vem para junto de mim.

IRACEMA Estou aqui.

OSVALDO Me dá mais um cigarrinho, daqueles ruim.

IRACEMA E até mais, querido, até mais...

(Oswaldo pega um novo cigarro e fuma)

OSVALDO Porquê está tão triste querida ?

IRACEMA Querido, eu...eu ...

OSVALDO Pode falar, o que quer ? pode falar.

IRACEMA Querido, eu estou sem dinheiro.

OSVALDO E só por isso está tão triste ? Tome , tire quanto quiser.

(Entrega-lhe a carteira, Iracema tira o
recibo e coloca no seio, tira uma nota
e mostra.)

IRACEMA Pronto.. tirei é só isso .

OSVALDO Só ? Não precisa de mais ? Precizando eu tenho. Agora me dá um
beijinho.

IRACEMA Depois otário.

(Apagam-se as luzes e ao acender nova -
mente a mesma cena, Oswaldo continua -
com a cabeça na mesa , a empregada entra
sem notar, espanando os móveis.)

EMPREGADA Pucha, como bebeu este homem. Cavalheiro... Cavalheiro.. Cavalheiro...

OSVALDO Han..eu acho que dormi um pouco demais não foi ?

EMPREGADA Eu acho que o senhor bebeu um pouco demais, quer um café ?

OSVALDO Não obrigado, agora eu tenho que retirar o dinheiro, para fazer o depó-
sito, não... não é possível.

EMPREGADA Aconteceu alguma coisa ?

OSVALDO Onde está aquela senhora ? Onde está aquela senhora ?

EMPREGADA Ela saiu ontem mesmo.

OSVALDO Chame a dona do hotel.

EMPREGADA Mas o que aconteceu ?

OSVALDO Chame a dona do hotel.



- EMPREGADA Mas o que aconteceu ?
- OSVALDO Pêlo amor de Deus, chame a dona do Hotel.
- EMPREGADA Que homem nervoso, pucha..(sáí, Osvaldo fica em estado neurótico)
- OSVALDO Não pode ser, meu Deus. (Empregada entra com a donha do hotel)
- EMPREGADA Aqui está ela.
- OSVALDO Minha senhora, onde está os meus NCR\$10.000,00.?
- DONA HOTEL Já foram entregues à sua senhora.
- OSVALDO Minha senhora, mas ela não é minha senhora.
- DONA HOTEL Mas e o senhor não se lembra de nada ?
- OSVALDO Só me lembro que ela me obrigou a fumar e depois beber.
- DONA HOTEL A fumar ?
- OSVALDO Sim..uns cigarros interessantes, fininhos, veja aqui está a penta dos que eu fumei.
- DONA HOTEL Cavalheiro, o senhor foi vítima de terríveis ladrões que operam com o piór de todos os entorpecentes...desculpe-me mas entreguei o dinheiro contra a entrega deste recibo.
- OSVALDO Eu sei, eu sei...a senhora não têm culpa, ela é tōda minha.
- DONA HOTEL Não só sua mas também da maldita maconha. (A dona do hotel e a empregada retiram-se e Osvaldo fica sentado com as mãos no - rosto enquanto ouve-se uma vōz)
- ZÉZINHO Papai um homem não chora..um homem nunca deve chorar...
C E H A (Casa de Osvaldo, em cena Lúcia, Olguinha e Zézinho, lá fora alguém grita-correio - Zézinho sáí correndo e volta com uma carta)
- ZÉZINHO Uma carta mamãe.
- LÚCIA Uma carta, deixe-me ver...Meu Deus, letra de Osvaldo, qual será a notícia, estou tão ansiōsa! Querida Lúcia ...
- OSVALDO Queridos filhos, espero realizar os meus negócios ao menor prazo possível para poder voltar o mais rápido que poudér, para dorar voçê - Lúcia...beijar Olguinha..brincar de pegar com Zézinho...espero que tudo corra bem... rezem por mim...
- LÚCIA Beijes do teu Osvaldo..Zézinho teu pai vai voltar breve."
- ZÉZINHO Que bom, só assim não preciso brincar com essa bobinha.
- OLGUINHA É bom mesmo, porque eu não gosto de brincar com homem chorão.
- ZÉZINHO Se voçê me chamar de chorão mais uma vêz, eu te parto a cara.
- OLGUINHA Chorão, chorão, chorão...
- LÚCIA Que é isso meus filhos , não briguem mais, isso é muito feio.



(A campanha toca, é a vizinha)

VIZINHA

Bom dia D.Lúcia...como é, tem recebido noticias do seu Osvaldo ?

LÚCIA

Acabo de receber uma carta, veja.

VIZINHA

Mas não pode ser D.Lúcia, esta carta está datada de 25 de Março e nós estamos no fim de Maio.

(Lúcia fica aflita e pega a carta para confirmar)

LÚCIA

É verdade...meu Deus o que terá acontecido.

(A campanha toca e Zézinho vai atender - é o senhor Rocha com um jornal)

ZÉZINHO

É o senhor Rocha Mamãe.

ROCHA

D.Lúcia, sou portador de uma má noticia.

LÚCIA

Má noticia ? O que é seu Rocha ?

ROCHA

Seu marido foi encontrado morto, esfaqueado por um trem. Veja este jornal trás a noticia.

(Lúcia agarra o jornal nervosa enquanto - que as crianças ficam esperando alguma - explicação)

LÚCIA

Morto...morto o meu Osvaldo.

ZÉZINHO

Quando é que papai volta mamãe ?

LÚCIA

Teu pai, meu filho, não voltará nunca mais... nunca mais...

F I M D O I O A T O

===== === === =====



SEGUNDO ATO

(São passados Vinte anos, num bar sórdido de um bairro de S. Paulo em cena Maria, atrás de um balcão Boca Dura e Pente Fino estão sentados em umamessa. Toca um disco de - gafeira e dança dois pares, logo após a dança dirigem-se para a outra mesa do fundo)

- BOCA DURA Pois é pente fino, a vida é assim mesmo.
- P ENTE FINO É, tem razão boca dura, porque é que você anda sempre a beber ?
- BOCA DURA E quem é que disse que estou bêbado ?
- PENTE FINO Você não bebe ?
- BOCA DURA Bebo.
- PENTE FINO Não se embriaga ?
- BOCA DURA Me embriago.
- PENTE FINO Então anda bebendo.
- BOCA DURA É a tal coisa: quando um pobre bebe - está bêbado, quando um rico bebe está doente.
- PENTE FINO Mas eles não bebem ?
- BOCA DURA Não bebem...claro que bebem e bebem coisas mais fortes do que nós como Whisk,room,cognac,gin,frequentam cassinos,danças e se embriagam muito mais do que os pobres.êles só tem uma coisa a mais do - que nós.
- PENTE FINO O que é ?
- BOCA DURA Feito,peito para roubar muito mais de uma só vez ...
- PENTE FINO Mas eles não roubam.
- BOCA DURA Não roubam... e os negociante ? E os Câmbios Negros ? O que é tudo isso ? Roubo.E roubo piór do que um miserável batedor de carteira.
- PENTE FINO É acho que você tem razão,mas tem outra coisa na sua vida que eu não compreendo.
- BOCA DURA O que é ?
- PENTE FINO Onde é que você arranja dinheiro para beber tanto ?
- BOCA DURA Dinheiro? Olha rapaz,faz tanto tempo que não vejo,que não sei como é a cõr dêle,você quer saber como eu faço para beber ?
- PENTE FINO Quero.
- BOCA DURA Maria...maria....
- MARIA O que é ?
- BOCA DURA Venha aqui por favor.
- MARIA Pronto,aqui estou.



Ia FL

- BOCA DURA D. Maria a Sra. sabe que és a mulher mais bela que eu já conheci e que meu maior prazer era dar um passeio consigo ao luar, para eu ver a lua ruborizar-se ante a prata de sua pele e ter a impressão que a mão passa-se entre seus cabelos sedósos e mais tarde quando nós...
- MARIA Pare...pare eu já sei o que você quer, você quer é beber, eu já vou servi-lo.
- PENTE FINO Bonito golpe rapaz, bonito golpe.
- MARIA Pronto, aqui está.
- (Maria serve os dois que bebem, e depois retira-se)
- BOCA DURA Pente Fino, o meu livro será uma coisa maluca rapaz.
- PENTE FINO Você está escrevendo um livro ?
- BOCA DURA Estou, e os personagens centrais são dois bêbados, um de 40 anos e o outro de 6 meses.
- PENTE FINO Mas uma criança de 6 meses não bebe.
- BOCA DURA Bebe, bebe muito mais do que nós, só que bebe leite e o outro bebe cachaça, mas acontece que os dois produzem uma fermentação e dois dormem, só que a criança dorme mesmo, e o bêbado procura ficar acordado para beber mais e mais. Compreendeu ?
- PENTE FINO Compreendi, mas não entendi nada, mas boca dura acabou a cachaça...
- BOCA DURA Bem agora é tua vez.
- PENTE FINO D. Maria a Sra. sabe que a Sra. é a mulher mais bonita que eu já conheci e que meu maior desejo...
- MARIA Chega...chega você não sabe meter saliva, só o boca dura sabe falar bonito. Quer ver ? Boca Dura fale .
- (Boca Dura ergue-se da mesa e dá um sôco na mesa e grita)
- BOCA DURA Bota mais duas na mesa ligeiro se não quiser apanhar.
- MARIA Pois não meu amor, pois não.
- PENTE FINO Boa.. boa gostei.
- BOCA DURA Comigo é assim, muita conversa não resolve.
- PENTE FINO E os cigarros ?
- BOCA DURA Psiu...fale baixo rapaz, cuidado com a policia.
- PENTE FINO E quem os traz ?
- BOCA DURA Um granfo que anda por aí.
- PENTE FINO E como é o nome d'êle ?
- BOCA DURA Não sei, todos o tratam de barbudinho, porque êle tem um cavanhaque destes que não se usa mais ... cuidado, êle vem aí.
- PENTE FINO O tal da...
- BOCA DURA É... silêncio...



(Oswaldo entra meio confuso e observa o boca dura, aproxima-se)

OSVALDO Boa noite D.Maria,Boa noite meus amigos.

BOCA DURA Boa noite...trouxe o material?

OSVALDO Trouxe.

BOCA DURA Onde estão ?

OSVALDO Estão aqui.

(Entrega os cigarros para o boca que fica muito feliz.)

BOCA DURA Quanto é?

OSVALDO Não é nada.

BOCA DURA Como não é nada... como é que você vive barbadinho ?

OSVALDO Vivendo...hoje aqui,amanhã ali...

(Maria que está servindo a mesa ao fundo aproxima-se e diz:)

MARIA Boca..você já não tem o que queria?Agora deixe o homem em paz.

BOCA DURA É verdade...vamos fumar ?

PENTE FINO Vamos.

(Boca e Pente Fino levantam-se e retiram-se do bar.)

BOCA DURA Maria...pendura minha conta.

PENTE FINO Maria a minha põe no gelo.

MARIA O Sr. quer tomar alguma coisa ?

OSVALDO Eu queria mas não tenho dinheiro.

MARIA Não faz mal,esta quem paga sou eu.....o senhor me permite uma pergunta ?

OSVALDO Pois não.

MARIA Como é o seu nome ?

OSVALDO Pêlo amor de Deus D.Maria,não me pergunte mais.

MARIA Está bem...bêba mais uma.

(Oswaldo bebe com os olhos tristes pega na carteira e tira uma fotografia e depois beija.)

MARIA Estes são seus filhos?Deixe-me ver,são lindinhos os seus filhos.

OSVALDO Este aqui aqui é o Zézinho,eu brincava muito de pegador com êle, mas êle se escondia em lugares difíceis,à mim êle achava logo.

MARIA Que é isto, chorando ?

ZÉZINHO Papai um homem não chora,um homem nunca deve chorar.

(Oswaldo fica triste e Maria o observa enchugando as lágrimas no avental,nesse meio tempo entra boca dura com um jornal.)

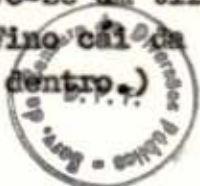
BOCA DURA Barbadinho, eu preciso ter uma conversinha séria contigo.

OSVALDO Às suas ordens meu amigo.



IIIa PL.

- BOCA DURA É que por um acaso do destino, eu acabo de saber que Osvaldo de Andrade e aquele desastre de trem é conversa mólé para boi dor mir e que ...
- OSVALDO Por amor de Deus Boca Dura, não continue, eu lhe peço não continue.
- BOCA DURA Não... a conversa agora é outra.
- MARIA O que é isto Boca Dura ?
- BOCA DURA Maria então você não sabe que eu de posse deste segredo posso ganhar um dinheiro mais ou menos gordo... é só êle escrever uma carta e ...
- OSVALDO Eu lhe peço, não por mim, mas por meus filhos.
- BOCA DURA Seus filhos...
- OSVALDO Sim. Duas crianças lindas que eu deixei em casa, hoje já devem estar grandes, mas eram pequenos quando eu vim para cá. Iracema e seus amigos Décio e Nestor me deram um veneno verde feito - cigarro, roubando-me tudo o que eu possuía. Com a vergonha eu - nunca mais voltei a minha casa e por isso fazem vinte anos que vivo como vivo.
- MARIA Deixe que eu arranjo tudo, Boca você que é o célebre amigo dos amigos, que escreve livros protegendo os bêbados, diga que sim, diga que sim...
- BOCA DURA Mas Maria, nós...
- MARIA Você é bom, tem bom coração, diga que sim, diga que sim, beba... bebe quanto quanto quizer.
- BOCA DURA Barbadinho eu peço desculpas, eu não (queri) sabia o que estava dizendo, eu estava voando. Eu acredito em você. É tudo por causa desta Maldita Maconha.
- (Ouve-se um tiro e entra Pente Fino correndo)
- PENTE FINO Maria.. Maria... depressa esconda-me, eu acho que matei um homem.
- MARIA Esconda-se ali no meu quarto.
- BOCA DURA Todos quietos, ninguém viu ninguém nem sabe de nada.
- (Todos ficam em silêncio, entra um investigador e examina o ambiente)
- INVESTIGADOR Não viram um homem de camisa listada por aqui ?
- BOCA DURA Não seu tira.
- INVESTIGADOR Mas parece que êle veio para aqui.
- BOCA DURA Ora bolas, pois se faz mais de meia hora que não entra ninguém aqui.
- INVESTIGADOR Bem... se virem alguém suspeito avisem a policia.
- MARIA Venha Pente Fino... tome dinheiro e fuja.
- PENTE FINO Não - à mim êles nunca me pegarão.
- (Sai correndo e ouve-se um tiro o corpo de Pente Fino cai da porta do bar para dentro.)
- MARIA Suicidou-se.



(Tôdos no Bar ficam aflitos e Boca Dura corre até a porta onde consegue apanhar o corpo do amigo, Osvaldo e Maria aproximam-se de boca dura com o corpo. Tudo é triste.)

BOCA DURA Suicidou-se, e tudo por causa deste maldito vicio, d'este maldito veneno, desta Maldita Maconha.

CENA

(São passados mais de um ano, casa de Osvaldo, José é promotor público da cidade, em cena Paulo e Olga.)

PAULO Estou muito contente Olguinha, muito contente.

OLGA Eu também Paulo, sou muito feliz.

PAULO Mas tenho certo receio.

OLGA Mas receio de que ?

PAULO De que Zézinho não consinta em nosso casamento.

OLGA Mas se êle foi seu amigo dêsde a infância ?

PAULO Mas acontece que agora êle é o Promotor Público da cidade. Tornou-se um tanto sério e ...

(José entra e interrompe a conversa com um sorriso)

JOSÉ E o que ?

PAULO É que eu...

JOSÉ Já sei o que vai dizer, que já é homem e já tem uma posição definida na vida e que pretende casar-se com minha irmã.

PAULO É...é isso mesmo.

JOSÉ Pois então casem-se e que sejam felizes.

PAULO Obrigado José, quero dizer Dr. José.

JOSÉ O que é isso rapaz? Mate o Dr. lembre-se que agora sou seu sôgro, quero dizer cunhado.

PAULO Muito obrigado José.

JOSÉ Que está esperando ? Vamos beijar a sua noiva.

PAULO É que...

JOSÉ Vamos beijar logo...

PAULO Já que você mandou eu beijo.

(Paulo vai beijar Olga quando Lúcia aparece e interrompe.)

LÚCIA Como estão adiantados.

JOSÉ Mamãe, tenho o prazer de anunciar o casamento do Olga com Paulo.

LÚCIA Eu sabia que aquelas brincadeiras de crianças iam acabar em casamento. E para quando será ?

PAULO O mais rápido possível.

JOSÉ Dê tempo ao menos para Olga se preparar.



Va FL.

- PAULO Podemos marca-lo para daqui à um ano.
(A campanha toca, faz Lúcia atender,
são outros processos entregues.)
- LÚCIA Zézinho, os outros processos.
- OLGA O que é ?
- JOSÉ E o caso de um velho que devo julgar amanhã.
- PAULO O que ele fez ?
- JOSÉ É interessante, deverei julgar um homem que matou outro homem opara defender o meu nome.
- LÚCIA E como é seu nome ?
- JOSÉ Não sei ainda. Todos o conhecem por Barbadinho.
- LÚCIA E vais condena-lo ?
- JOSÉ Procederei assim porque ele é um viciado em um veneno terrível que faz os homens meios tólos e a cadeia será um remédio para ele.
- LÚCIA Coitado.(a campanha toca,vai atender)...está aí um homem que deseja falar-lhe Zézinho.
- JOSÉ Disse o nome ?
- LÚCIA Disse : Boca Dura.
- TÓDOS Boca Dura ?
- JOSÉ É engraçado,boca dura, mande-o entrar mamãe.
- BOCA DURA-Bom dia Dr.eu desejava falar-lhe em particular.
- JOSÉ Pois não - passemos ao meu gabinete.
- LÚCIA Não é preciso,podem ficar aqui,precisamos ir para o dentro.
Venha Paulo,venha Olguinha.
- JOSÉ Sente-se e diga o que quér.
- BOCA DURA-A finalidade de minha visita é a seguinte : é que eu sou amigo do Barbadinho e ele me pediu para que eu viesse aqui pedir-lhe que o senhor o condenasse se o julgar conveniente,mas como Barbadinho, e não procurasse saberOlhe o nome.
- JOSÉ O senhor sabe o seu nome ?
- BOCA Sei
- JOSÉ E se eu pedisse para que disesse ?
- BOCA Eu não lhe diria.
- JOSÉ Por quê ?
- BOCA Porque eu sei ser amigo dos meus amigos.
- JOSÉ Mas o senhor não vê que contando o nome estará auxiliando a Policia a desvendar um crime e talvez salvar um pai de familia da cadeia ?
- BOCA Eu acho que o senhor tem razão.
- JOSÉ Então diga...diga seu nome.
- BOCA Eu vou dizer.



Via FL.

(Ouve-se uma voz no microfone é de Osvaldo.)

OSVALDO Por amor de Deus Boca Dura, não lhe diga o meu nome, peça que me condene se quizer, mas não lhe diga o meu nome.

JOSÉ Vamos conte.

BOCA DURA Não..não Dr. não devo.

JOSÉ Volte senhor, volte sou eu que lhe ordeno.

BOCA DURA Não Dr. eu sei ser amigo dos amigos.

(Boca Dura retira-se e Lúcia Aparece.)

JOSÉ Não é possível...não é possível.

LÚCIA O que foi Zézinho, aconteceu alguma coisa ?

JOSÉ É sobre o caso que eu vou julgar amanhã, mamãe eu voá sair.

LÚCIA Aonde vai meu filho ?

JOSÉ Eu vou até a cadeia com aquêle idiota, preciso falar. Velho idiota.

CENA

(Sala do tribunal em cena o Juiz, Advogado e Promotor Público e os jurados.

Osvaldo ao lado do advogado seu.

JOSÉ E conforme de desprende dos autos dêste processo o acusado presente matou um homem com o fim único de defender o bom nome desta Promotoria Pública.

Porquê ôle é um viciado terrível e sabia que mais dia, menos dia seria prêso, por isso a policia anda com os ôlhos bem abertos para tais fins, ainda mais que o nosso acusado obstina-se a falar unicamente com o fim de tornar dificil o trabalho da Policia, não quer sequer dizer o seu próprio nome. É pois um elemento nocivo à sociedade. Condenando-o Srs. jurados vós estareis livrando a sociedade de um elemento pernicioso e aliviámos o País de um traficante de entorpecentes. O que podeis fazer com as vossas consciências tranquilas porque a cadeia para ôle será um bem que praticais.

Peço pois para o acusado presente a pena máxima, muito obrigado.

JUIZ Tem a palavra o Sr. Advogado de defesa.

ADVOGADO Peço Meritíssimo Juiz para interrogar uma testemunha.

JUIZ Senhor Promotor permite ?

JOSÉ Às suas ordens!?

JUIZ Pode fazer a arguição.

ADVOGADO Sr. Paulo Herval, Sr. Paulo Herval.....Sr. Boca Dura.

BOCA DURA Hein...pronto.

ADVOGADO Aproxime-se .

BOCA DURA Pronto...às suas ordens.



VIIa FL.

ESCRIVÃO Promete dizer a verdade, sómente a verdade, nada mais que a verdade?
BOCA DURA Juro.
ADVOGADO Conhece o Barbadinho à muito tempo ?
BOCA DURA Conheço.
ADVOGADO Dê desde quando ?
BOCA DURA Dê desde que tomamos a primeira cachaça no primeiro boteco que nos encontramos.
ADVOGADO O senhor sabe o seu nome ?
BOCA DURA Sei.
ADVOGADO Como é ?
BOCA DURA Não digo.
ADVOGADO Mas o senhor jurou dizer a verdade ?
BOCA DURA Eu estou dizendo a verdade, sei o nome dêle mas não quero dizer.
JOSÉ O Sr. parece ser muito amigo dêle?
BOCA DURA E há outros que lhe querem fazer mal e que deveriam ser muito mais.
JOSÉ Parece que o senhor é Filósofo .
BOCA DURA Não - mas estou escrevendo um livro.
JOSÉ Pode ler o seu livro aqui ?
BOCA DURA Não, é livro feito por bêbado, sôbre bêbados e para bêbados, O Sr. não entenderia.
JOSÉ E não há outro que se leia ?
BOCA DURA Há um que fala dos bons pais e dos maus filhos.
JOSÉ Palavras de Filósofos.
BOCA DURA Não 'palavras de bêbado.
ADVOGADO E porque não quer dizer o seu nome ?
BOCA DURA Porque eu sei ser amigo dos amigos.
ADVOGADO Pode retirar-se.
Meretíssimo Sr. Juiz, Nobre colega da Promotoria Pública, Srs. jurados - estamos diante de dos casos mais intrigantes desta cidade. Um homem recusa-se a revelar o seu nome, qual será o mistério que envolve o drama de sua vida ? Será um amor frustado ? Será um lar abandonado ? Não sabemos. Talvez seja para não manchar a honra de alguém de quem êle muito ama. A única coisa que sabemos é que êle réu presente não perdeu obediência.
JOSÉ Protesto, o Sr. Paulo Herval entrou em minha casa pedindo clemência para êle.
OSVALDO Não Dr. o meu amigo não pediu clemência.
TÓDOS COMO...Hein...
OSVALDO Na casa de meu acusador não para pedir clemência, e sim para pedir que não perguntassem o meu nome.
ADVOGADO êle calou-se, não quis revelar o seu nome, mas não foi para dificultar a policia como disse o nobre colega da Promotoria Pública.



IXa FL.

- OSVALDO Zézinho voçê queria me condenar mas eu não te culpo, porque não sabia que eu sou teu pai, filho querido eu matei um homem para deixar de falar mal de voçê, fiquei com raiva, puxei uma faca e matei mas eu sou seu pai.
- BOCA DURA Vamos Barbadinho ?
- OSVALDO Vamos mas, para onde Boca Dura ?
- BOCA DURA Paba nosso nomundo, para qualquer lugar.
- OSVALDO Não boca dura, eu não saio daqui sem ver meus filhos.
- BOCA DURA Mas eles não vão te reconhecer, assim neste estado.
- OSVALDO É verdade
- BOCA DURA Então vamos.
- OSVALDO Quero ve-los nem que seja de longe, vá boca dura, vá.
- BOCA DURA Então adeus Barbadinhô.
- OSVALDO Escute boca dura, voçê me promete que também deixa êste maldito veneno ?
- BOCA DURA Não sei.
- OSVALDO Promete boca dura, promete ?
- BOCA DURA Prometo.
- OSVALDO E voçê me dará uma cópia de seu livro ?
- BOCA DURA Darei, e escreverei um outro em terá um capitulo especial a um grande amigo, a um grande amigo e homem, voçê. Adeus.
- OSVALDO Adeus.
- BOCA DURA Adeus meu grande amigo.

CENA

(Na casa de Osvaldo o dia do noivado de Olga e Paulo.)

- JOSÉ Muito bem seu Rocha, esta anedota foi ótima e estupenda.
- ROCHA Bem..bem agora que todos se divertiram, vou embora que já é tarde.
- PAULO Ora seu Rocha...que é isso, fique mais um pouco.
- ROCHA Nada disso rapaz, eu também já fui môço e hoje o cansaço chega cedo.
- JOSÉ Agora que voçês estão noivos, desejo que em breve venha o grande dia do casamento. e que sejam sempre felizes.

(Acompanhia toca - Lúcia vai atender é Osvaldo, todos ficam surpresos e Lúcia confusa.)

- LÚCIA Está aí um Sr. que lhe deseja falar meu filho.
- JOSÉ Mande-o entrar.
- OSVALDO Boa noite,
- JOSÉ O Sr. ainda aqui, mas não lhe disse para retirar-se da cidade ? Como se atreve a vir à minha casa ?
- OLGA Deixe-o Zézinho, quem sabe se êle está com fome, vou trazer-lhe qualquer coisa.....bôlo de meu noivado.



(Olga sai e volta com um pratinho com doce e Osvaldo senta-se e começa a comer.)

- OSVALDO Noivado...noivado de quem ?
- PAULO O meu com esta Sra. ela é minha noiva.
- JOSÉ Bem... retire-se agora.
- LÚCIA Esperem...esperem por favor,peço que me deixem à sós com este senhor.
- JOSÉ Mas mamãe,êste homem é perigoso.
- LÚCIA Mas meu filho sou eu quem lhe peço.
- JOSÉ Bem a mamãe sabe o que faz.Olga,Paulo vamos,se precisar de auxilio chame-nos.
- LÚCIA Osvaldo...meu Osvaldo.
- OSVALDO Lúcia Querida...
- LÚCIA Porque não voltaste Osvaldo ?
- OSVALDO Não Lúcia, que vergonha,para tí e prá nossos filhos a minha volta fracassada.
- LÚCIA Mas todos te perdoariam.
- OSVALDO Mas foi o mundo que fêz isso por mim,foi a sociedade mas hei de me vingar do Décio,Nestor,Iracema,os Dêz Mil Cruzeiros Novos.
- LÚCIA Osvaldo
- OSVALDO És tu Iracema, 1º o cigarro depois muitos beijos...ah,ah,ah.....
- LÚCIA Osvaldo,sou eu Lúcia sua esposa.
- OSVALDO Granfo,dois filhos...mas hei de me vingar....
- LÚCIA Meu Deus...socorro.....
- (Osvaldo cái morto,Lúcia fica desesperada e todos entram na correria.)
- JOSÉ O que foi Mamãe ? Êste homem queria lhe fazer mal ?
- LÚCIA Não mei filho, êste homem nunca faria mal à mim e nem à voçês, êle é o seu pai.
- OLGA Papai...papai...
- JOSÉ Papaizinho,perdão eu lhe fiz tanto mal...
- PAULO Uma familia destruída por um vicio maldito , por causa da MALDITA MACONHA.

F I M

